

**DO PASTEUR DOS MICRÓBIOS AO
PASTEUR DOS MOSQUITOS. FEBRE
AMARELA NO RIO DE JANEIRO
(1880-1903)**

Os dez capítulos que compõem este trabalho desenrolam-se em conformidade com dois eixos preponderantes. De um lado, as primeiras gerações de bacteriologistas que atuaram na cidade do Rio de Janeiro, num período caracterizado por profundas transformações sociais, políticas e culturais. De outro, a doença que foi seu principal objeto de investigação e que constituía o nó górdio das políticas de saneamento da capital do Império e, em seguida, da República. O autor examina as teorias e invenções de Domingos José Freire, João Batista de Lacerda e outros médicos que se converteram ao paradigma pasteuriano e saíram à caça do micróbio e de um imunobiológico capaz de prevenir e/ou curar a febre amarela. Mostra a ressonância internacional e as implicações sócio-econômicas das idéias, vacinas e soros que conceberam. Dá especial ênfase tanto à dinâmica como ao travejamento da competição e das controvérsias em que se envolveram estes bacteriologistas, dentro e fora do país. O autor recupera as suas interações com os clínicos, higienistas e outros integrantes do campo médico, e mostra o papel fundamental que desempenharam os profanos nas controvérsias científicas do período. Por último, analisa as rupturas institucionais, cognitivas e geracionais associadas à passagem da problemática etiológica para a do modo de transmissão na febre amarela. Inscreve nesse contexto e nesse coletivo a formação de Oswaldo Cruz, e reexamina sua escolha para chefiar a campanha contra a febre amarela no Rio à luz dos erros e acertos da primeira geração de bacteriologistas que atuou na cidade.

Jaime Larry Benchimol
Dissertação de doutorado, 1996
Universidade Federal Fluminense
Curso de Pós-Graduação em História
Rua Felício dos Santos, 14/101
Rio de Janeiro — RJ CEP 20240-240

**IMAGENS DO ANALFABETISMO:
A EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DO
OLHAR MÉDICO DO BRASIL DOS ANOS 20**

O presente estudo busca compreender o processo de produção social do analfabetismo, no contexto de constituição de um projeto de civilidade para o Brasil, no qual formas de pensar a nação, o povo e os destinos do país buscam uma expressão política.

Num momento em que a industrialização e o crescimento das cidades trazem à cena novos personagens, a cidade passa a ser vista como um laboratório de estratégias disciplinares, fazendo convergir uma multiplicidade de olhares.

Neste trabalho, nossa atenção se volta para o olhar médico e seu papel na definição de um novo projeto de ordenação da cidade, a partir de uma perspectiva de higienização.

Partindo dos discursos do médico Miguel Couto, procura-se analisar a constituição das imagens do analfabetismo e do analfabeto, produzidas no âmbito de um projeto de sociedade, em que à educação é atribuída a responsabilidade pela solução de todos os problemas nacionais.

Heloisa Helena Pimenta Rocha

Dissertação de mestrado, 1995
Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Rua Cel. Antonio Alves Pereira, 1733/301
Uberlândia — MG CEP 38400-143

**JAMES WILLIAM HELENUS TRAIL:
UM NATURALISTA BRITÂNICO NA
AMAZÔNIA DO SÉCULO XIX**

Além de resgatar relevantes e inéditas informações sobre a história da história natural da Amazônia brasileira, este trabalho constitui um documentado estudo de caso de imperialismo científico e cultural no século XIX. Contribui ainda

para a história social, política e econômica da região, com informações extraídas de fontes até então não investigadas.

O estudo baseia-se nos inéditos diários e correspondências do botânico e médico escocês James William Helenus Trail, que participou, no final do século XIX, da primeira expedição oficialmente autorizada pelo governo brasileiro a levantar os recursos naturais da Amazônia para subsequente exploração. A expedição, realizada entre 1873-75, foi promovida pela Amazon Steam Navigation Company, antiga Companhia de Navegação do Amazonas. Esta última, que havia sido fundada em 1852 pelo barão de Mauá (Irineu Evangelista de Souza) e representava um símbolo da ocupação do Império brasileiro na região amazônica na metade do século XIX, foi vendida aos ingleses em 1872. O contrato de venda beneficiou os investidores ingleses, já que incluiu a cessão de glebas, e o direito de exploração dos recursos naturais existentes nas mesmas, em vasta faixa da região amazônica que se estendia de Belém à fronteira com o Peru.

Devido ao excepcional suporte logístico proporcionado pela companhia, Trail teve a oportunidade única de explorar e coletar material científico (notadamente espécimens botânicos e zoológicos) ao longo do rio Amazonas e de seus principais tributários, tendo explorado locais nunca antes visitados por outros naturalistas.

Analisando os diários de viagem e a correspondência do naturalista escocês com um dos principais centros de história natural da Inglaterra — o Jardim Botânico de Kew —, foi possível constatar que Trail atendia a interesses diversos quando de sua jornada pela Amazônia. Além de trabalhar na defesa dos previsíveis interesses da Companhia de Navegação, e de seus próprios, considerando-se suas ambições científicas, atuava ainda como agente informal de Kew na busca por sementes da estratégica

Hevea brasiliensis (seringueira), espécie muito cobiçada pelos ingleses na época, que a queriam cultivar em suas colônias. As múltiplas atividades desenvolvidas por Trail na Amazônia brasileira, sobretudo sua devoção em servir aos interesses econômicos da Grã-Bretanha, confirmam a intrínseca inter-relação existente entre ciência e imperialismo durante o século XIX.

Através das cartas enviadas por Trail ao diretor do Jardim Botânico de Kew, foi possível reconstituir a intensa polêmica gerada à época entre o naturalista escocês e o botânico brasileiro João Barbosa Rodrigues. O conceito de colonialismo científico nitidamente se evidenciou através do desrespeito demonstrado por Trail em relação a Barbosa Rodrigues, a quem conheceu na Amazônia e o iniciou na coleta e identificação das palmeiras brasileiras. A polêmica gerada entre eles, em decorrência de acusações mútuas relativas à desconsideração de prioridade de autoria na descrição de novas taxa, chegou a alcançar repercussão internacional nos meios científicos da época.

Cabe registrar, finalmente, que o resgate da memória do legado científico do naturalista James Trail — que inclui desde suas descrições da flora amazônica e trabalhos taxonômicos com palmeiras a coleções de algas, líquens, fungos, briófitas, plantas superiores, insetos, aracnídeos e outros grupos de animais da Amazônia brasileira — reveste-se de importância singular face ao crescente interesse pelos recursos naturais da região. Neste particular, os dados e coleções do naturalista britânico prestam-se, sobretudo, a estudos comparativos entre a situação atual e pretérita testemunhada pelo próprio.

Magali Romero Sá

Dissertação de doutorado, 1995
University of Durham (Inglaterra)
Rua Corcovado, 200/202
Rio de Janeiro — RJ CEP 22460-050